

CICLO DE CINEMA
E CONVERSAS

16 FEV 17:00



DOMINGOS NA CASA DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD

*FILM SOCIALISME
RENCONTRE S*

SERRAVES

SESSÃO 10

16 FEV | DOM | 17:00

FILM SOCIALISME (FILME SOCIALISMO, 2010)

Jean-Luc Godard | SUI, FRA | 2010 | 102'

Realização, argumento e montagem:

Jean-Luc Godard

Produção: Alain Sarde

Direção de fotografia: Fabrice Aragno

Direção de som: François Musy e Gabriel Hafner

Com: Jean-Marc Stehlé, Agatha Couture,

Mathias Domahidy, Quentin Grosset, Olga

Riazanova, Maurice Sarfati, Patti Smith, Lenny

Kaye, Bernard Maris, Marie-Christine Bergier,

Nadège Beausson-Diagne, Bob Maloubier,

Dominique Devaux, Alain Badiou, Elias Sanbar,

Catherine Tanvier, Christian Sinniger, Marine

Battaggia, Gulliver Hecq, Elidan Arzoni,

Élisabeth Vitali, Eye Häidara, Blandine Bellavoir,

Jean-Michel Fête, Stéphane Henon, Odile

Schmitt, Louma Sanbar e Jean-Luc Godard.

Produção: Vega Film, Office Fédéral de la Culture, Télévision Suisse-Romande, La Ville de Genève, Suissimage, Fonds Regio Films, Fondation Vaudoise, George Foundation, ECM Records, em coprodução com Wild Bunch e Canal+

Cópia: 1.78:1, cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 102 minutos

País: Suíça / França

RENCONTRE S (ENCONTRO S, 2009)

Anne Rosset | FRA | 2009 | 22'

Realização e montagem: Anne Rosset

Com: Jean-Luc Godard e Anne Rosset

Cópia: cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 22 minutos

País: França

FILME SOCIALISMO, ETC. 40 ANOS ANTES E DEPOIS

O ultraje da imprensa tradicional em Cannes face a *Film Socialisme* (*Filme Socialismo*, 2010) de Godard era previsível. No *Scanners*, Jim Emerson deu-se ao trabalho de compilar excertos de quinze críticas a filmes de Godard que o *New York Times* publicara, compreendendo mais de meio século e oferecendo um sem número de variações de uma mesma queixa: “[abordar] os filmes como se fossem puzzles concebidos para frustrar (e serem eventualmente “resolvidos”), e depois [culpar] Godard por não os conseguir resolver ele próprio, uma vez que são demasiado difíceis”. Testemunhando estes fenómenos a partir de Chicago, foi para mim evidente que esta raiva ainda se intensificou mais pela legendagem, em inglês simplificado, e pelo cancelamento à última hora da conferência de imprensa de Godard. Lembrei-me do quase-motim que tivera origem na projeção de *Un film comme les autres* (1968), talvez o mais vazio e, simultaneamente, também o mais falador de todos os filmes de Godard, no Lincoln Center de Nova Iorque em 1968, em parte graças a uma tentativa de incluir uma voz-off em inglês, transformando assim quer o francês, quer o inglês em sons incompreensíveis. O que sugere que as provocações estéticas e ideológicas de Godard frequentemente ajudam a abrir caminho para que outras fontes de raiva possam aparecer, e que podem ter ou não relação com o próprio Godard. [...]

Mas tendo visto recentemente *Filme Socialismo* (não direi como), sem legendas e apenas com uma compreensão irregular dos diálogos, fiquei impressionado não apenas pelo uso do som e da imagem, que

é singularmente fresco, ousado e frequentemente belo, mas também pela sua ternura por praticamente todas as figuras e personagens do filme (incluindo os seus muitos animais) – uma virtude que não encontrava de forma alguma em *For Ever Mozart* (*Para Sempre Mozart*, 1996). Também vale a pena referir que *Filme Socialismo* tenta dizer algo sobre o mundo contemporâneo, e sobre a Europa em particular, uma impertinência que não é partilhada por outras investidas supostamente inofensivas e bem-intencionadas como *Inglorious Basterds* (*Sacanas Sem Lei*, 2009). Mas nenhuma da ternura do filme para com as suas personagens se pode estender às preferências, hábitos, expectativas e bem-estar dos críticos em Cannes – o que, suponho, faz de todos os outros potenciais membros de um ilustre grupo de infiltrados. [...] [5/25/10]

Postscript: Para Godard, “cinema” e “socialismo” são os dois principais sonhos perdidos do século XX, o que ajuda a explicar a que se refere este filme e o seu título. Não tem nada a ver com puzzles; tem tudo a ver com sentimentos.

Jonathan Rosenbaum
(excertos traduzidos de *FILM SOCIALISME, etc., 40 Years Ago and Now*, 17 de setembro de 2022)

FILM SOCIALISME (UN CERTAIN REGARD)

Ainda que tentemos vê-lo quantas vezes for possível, o novo *film-bricolage* de Jean-Luc Godard é mais uma das suas obras incontornáveis, que põem em cena infinitas e inesgotáveis questões. Um filme sobre o qual é realmente difícil falar sem ser simplista, mas que, no entanto, nos obriga a confrontá-lo, até porque a esta altura já é seguro dizer que se trata do grande filme do Festival de Cannes deste ano. Tentarei fazer o único texto que me parece possível e justo – uma resposta pessoal a algumas das suas provocações.

De imediato, é impossível não desviar a atenção para o que é feito deliberadamente na tradução dos diálogos do filme, que ocorrem em múltiplas línguas, embora predominantemente em francês. Apesar de o texto dito pelos personagens parecer sempre composto de sujeito e predicado, gramaticalmente completo, o que vemos nas legendas (quando existem) é uma supressão absoluta da sintaxe, restando apenas duas ou três palavras-chave que nos dão um sentido geral daquilo que é dito, incorporando-se, assim, à imagem como mais um dos elementos da bricolagem *godardiana*. Esta escolha, que para muitos parecerá absurda (e é excelente que o Festival a tenha respeitado), no limite é apenas uma derivação natural do cinema de Jean-Luc Godard. Pois o que ele faz e sempre fez essencialmente é associar imagens a ideias (ou pensamentos), um princípio elementar do cinema. Para Godard, toda a imagem sem ideia é inútil, assim como de nada serve, para um homem de cinema, uma ideia sem imagem.

É claro que nada é assim tão simples. Vincular uma ideia a uma imagem é

tanto um dos princípios do cinema quanto serve de *motto* perfeito à publicidade. Godard, mais do que ninguém, tem plena consciência disso, e é por isso que alguns dos efeitos mais impactantes de *Film Socialisme (Filme Socialismo, 2010)* vêm justamente da construção dramática, que vai sendo tecida de forma razoavelmente aleatória na primeira parte do filme, quando acompanhamos alguns personagens (entre os quais, a cantora Patti Smith e o filósofo Alain Badiou, interpretando-se a si mesmos) que fazem um cruzeiro no mediterrâneo e discutem, entre outras coisas, sobre história, dinheiro e geometria. Ao mesmo tempo, o filme vem complementar estas questões através de uma colagem de imagens de arquivo que se alternam às do navio, que por sua vez também tomam a forma de colagem – desta feita, de texturas e de sons. Godard alterna planos filmados em HD, que exacerba a cor e a limpidez a um limite quase irreal (como num anúncio publicitário de perfumes), com imagens toscamente captadas por uma câmara de telemóvel. Cabe aqui uma observação: é incrível como têm sido exclusivamente os veteranos (Manoel de Oliveira, e agora Godard, o segundo realizador mais velho da mostra *Un Certain Regard*, precisamente atrás do autor português) a tentar atualizar a ontologia da imagem a partir das novas possibilidades tecnológicas.

Passando para a segunda parte, o filme alcança o ponto máximo de narratividade (ainda que de maneira igualmente não-convencional), a partir de uma dramaturgia familiar que encontra o seu lugar ao lado do discurso global do filme, mas não necessariamente intrincada nele. Nesse momento, já não há imagens de arquivo nem mudanças de registro

(mantém-se apenas o HD). O cenário é a casa/posto de gasolina da notável família Martin, que este ano concorrerá às eleições, enquanto uma jornalista espera indefinidamente por uma entrevista. Os Martin representam no filme um posto de resistência (como sugere um intertítulo que, na conclusão da história, os associa à Resistência francesa na Segunda Guerra Mundial) à política e à cultura da sociedade contemporânea. O filho mais novo, um rapaz de sete anos, veste a camisa do partido comunista, ouve música clássica e pinta como Renoir. A sua irmã mais velha recusa-se a utilizar o verbo ser e ameaça matar aqueles que falarem mal de Balzac. Um lama e um burro rematam a composição do cenário absurdo onde estas personagens vivem – para que possa haver uma alternativa política ao modo como as coisas se encontram hoje; trata-se, sempre, de dinamitar todas as convenções.

Filme Socialismo termina com uma terceira parte onde finalmente não há personagens, apenas um emaranhado de imagens e de textos que complexificam boa parte das questões que já tinham aparecido até aí, assim como encaminham outras. Planos de *Cheyenne Autumn (O Grande Combate, 1964)* de John Ford, entre outros filmes, vêm unir-se a uma cena de *Les Plages d'Agnès (As Praias de Agnès, 2008)* onde vemos dois trapezistas no ar, sobre a qual o próprio Godard diz (numa entrevista à *Inrockuptibles*) ter achado a imagem perfeita para a representação da paz entre Israel e Palestina. *Filme Socialismo* desenvolve através das suas mil imagens um pensamento trágico sobre o estado atual do mundo e da Europa, cujo presente traz as marcas indeléveis de um passado de guerras, repressões e imperialismo

– *hoje os canalhas são sinceros, eles acreditam na Europa* – é a principal frase do filme, que será repetida até que possamos decorá-la. Trágico, digo, não apenas pela sua gravidade, mas também pela sua estrutura em três atos, onde cada ato é uma parte constituinte que não pode faltar – o primeiro planifica-se sobre o presente de um mundo irremediavelmente contaminado pelo dinheiro, o segundo representa uma possibilidade (ainda que utópica e surrealista) para o futuro, e o terceiro vasculha o passado da humanidade até chegar a um ponto em que não há mais imagem possível, para além do intertítulo conclusivo: “No comment”.

Alice Furtado
 (“Film Socialisme (Un Certain Regard)”,
Contracampo, maio de 2010)

PRÓXIMAS SESSÕES

19 FEV | DOM | 17:00

CONFERÊNCIA DE ALAIN BERGALA:

A SOBERANIA DO ATO CRIATIVO EM OLIVEIRA E GODARD

23 FEV | DOM | 17:00

EXPOSÉ DU FILME ANNONCE DU FILM SCÉNARIO

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 36'

SCÉNARIOS

Jean-Luc Godard, Fabrice Aragno e Jean-Paul Battaglia | FRA, JPN | 2024 | 18'

ROLLE: INVENTAIRE

Fabrice Aragno e Jean-Paul Battaglia | SUI | 2024 | ca. 30'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

